

PROJETO ELDORADO



De: Octavio Barbosa

Ao: Sr. Diretor da Área de Pesquisas

Assunto: Projetos Eldorado e Ouro no Rio Etá

Em prosseguimento ao exame do desenvolvimento das pesquisas na área do Projeto Eldorado, dirigi-me a São Paulo no dia 23 do mês p.p. No dia 25 fiz uma palestra na SUREG/SP sobre a minha excursão na Escandinávia no mês de julho último, fazendo comparações com ocorrências semelhantes no Brasil, onde cabível. À tarde, foi debatida a geologia e a metalogênese dos Projetos Eldorado e Chumbão.

No dia 26, viajei para Iporanga em companhia dos geólogos Vitor Hugo de Castro e Antonio Morgental. Nessa cidade, encontramos os geólogos Garrido e Tarcísio, encarregados do Projeto Eldorado. Foram examinados e debatidos os progressos das pesquisas desse projeto, no Alvo Piririca, nestes últimos três meses.

No dia 27, visitamos a área do Alvo Piririca, fazendo observações e colhendo dados quanto aos filões PII, K e 14.E.

No dia 28, passamos o dia no vale do rio Etá, para escolher o local da instalação do sluice de pesquisa dos aluviões desse rio. Foi escolhido um ponto à margem esquerda do rio, junto da ponte, na fazenda Palmital, dos irmãos Loeb. Algumas provas de batéia nas áreas Guapuruvú e Descalvado revelaram ouro, conforme já tinha informado o geólogo Luiz S. do Carmo, encarregado da seleção de áreas.

No dia 29 examinamos testemunhos das sondagens no Alvo Piririca e retornamos a São Paulo.

No dia 30 foram debatidos os programas a serem desenvolvidos até o fim do ano, tanto no Alvo Piririca quanto no vale do rio Etá. Especificamente, abaixo damos mais informações técnicas sobre esses assuntos.

1) Alvo Piririca - A área desse alvo é limitada por duas extensas falhas transcorrentes, de direção SW-NE. Observa-se nessa área uma estrutura anticlinal evidenciando repetição de camadas metabásicas, metapelitos e metamargas e subordinadamente metarenitos (Grupo Assungui). Filões direcionais de quartzo-sulfetos se encaixam predominantemente nas metabásicas. A mais plausível explicação para a gênese desses filões é a seguinte: os basitos foram intrusivos (e não derrames) nos sedimentos da região durante a primeira fase de dobramentos; a seguir, todo o conjunto foi metamorfozizado; depois, noutra fase de deformações, após longo período de quietude tectônica e erosão, os metabasitos foram fraturados e as fraturas preenchidas pela mineralização sílico-sulfetada. Supõe-se que o material dessa mineralização veio dos metamorfitos inferiores, mais próximos do embasamento migmatítico. Admite-se que o fraturamento pré-mineralização atingiu principalmente os metabasitos por serem materiais mais friáveis (metagabros) e menos plásticos. Embora se encontre sulfetos disseminados nos metagabros, é pouco provável que o magma respectivo seja responsável pela mineralização dos filões, dada a paragénese arsenopirita, ouro e prata.

a) Filão PII - Os trabalhos de pesquisa já revelaram 75.000 toneladas medidas e 75.000 toneladas indicadas. Teor: 2g Au e 30g Ag por tonelada. Para

uma empresa média a pequena (padrão brasileiro) já poderia se lavrado a céu aberto. Valor estimado em Au: US\$ 4,000,000.00

b) Filão K - Reserva medida: 52.500 toneladas. Teor: 2g Au e 130g Ag por tonelada. Reservas indicada e inferida: 637.500 toneladas. Valor estimado em Au da reserva medida: US\$ 2,100,000.00.

c) Filão 14-E - Trata-se de um espesso filão de quartzo com sulfetos disseminados. Está em fase inicial de pesquisa. Pelas dimensões observadas pode comparar-se, em volume, com o filão K.

Observação: Considerando que cada tonelada do minério dos filões PII e K valem, em ouro, US\$ 40.00, uma lavra a céu aberto, extraíndo estéril/minério na razão de 5/1, a um custo de US\$ 2.00 por tonelada até 50 metros de profundidade, forneceria um lucro bruto de US\$ 30.00.

A topografia da área do Alvo Piririca se presta magnificamente para uma tal lavra.

Foi sugerida fazer imediatamente topografia 1:500 numa área de 200 x 200 metros relativa aos filões PII e K, a fim de se poder plotar e interpretar os dados já obtidos, e planejar novas operações do desenvolvimento das pesquisas.

2) Aluvião do Rio Etá - Visitamos as áreas de Guapuruvú e Descalvado, aquela no sopé da Serra Paranapiacaba. A área dos aluviões do Etá soma 8.000.000 m². Segundo as medições do geólogo Luiz, o overburden aumenta de um metro no Guapuruvú até 7 metros em Sete Barras, isto é, na barra do rio Etá com o Ribeira. Os poços abertos na área Guapuruvú mostraram água abundante. Por isso, as pesquisas do aluvião só podem ser realizadas por sonda Banka ou Sondec.

Foi feito o seguinte programa: três seções de furos na área Guapuruvú, interdistantes de 1/1/2 quilômetros, os furos espaçados de 25 metros. No restante da área, mais 4 seções com interdistância maior. No total seriam realizados não mais que 300 furos, já que se trata de pesquisa exploratória.

Na área Guapuruvú seria aberta, no local mais promissor, uma cata para extração de algumas centenas de metros cúbicos de cascalho, que seriam passados no sluice.

Observação: Das informações sobre atividade antiga de faiscação de ouro nos séculos 17 e 18 no vale do Ribeira, conclui-se que os faiscadores trabalharam os aluviões secos dos rios Iporanga, Ivaporunduva, Pedro Cubas, Travesão, etc., mas não tocaram nos aluviões de alto desmonte e encharcados d'água como os dos rios Etá, Ipiranga, Quilombo, etc. Assim, o conteúdo em ouro dos aluviões do rio Etá é uma incógnita. Como na parte alta des

se rio, na Serra Paranapiacaba, são conheci-
dos vários filões auríferos, como o da Ser-
ra do Cavalo Magro, é lícito prever que os
seus aluviões sejam economicamente lavrá-
veis. E, como o volume respectivo é grande,
e a piçarra muito favorável (migmatito de
composto), pode-se prever uma lavra mecani-
zada em média a larga escala.



OCTAVIO BARBOSA